

Artigo Científico

Violência obstétrica sob a lente da ciência: uma revisão bibliométrica entre 2005 e 2025

Obstetric violence under the lens of science: a bibliometric review between 2005 and 2025

Raquel Cunha de Araújo¹, Ysla Maria Inácio de Lima², Yala Fabia Dias Lucena Lima³, Izabela Rayane Torres Liberalino Cristovão⁴, Milena Nunes Alves de Sousa⁵

¹Acadêmica de Medicina do Centro Universitário de Patos, Patos-PB, Brasil. E-mail: raquelaraujo@med.fiponline.edu.br. ORCID: 0009-0009-0767-2241

²Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário de Patos. Email: yslalima@med.fiponline.edu.br. ORCID: 0009-0006-7429-4461

³Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário de Patos. Email: yalalima@med.fiponline.edu.br. ORCID: 0009-0002-3867-0379

⁴Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário de Patos. Email: izabelacristovao@med.fiponline.edu.br. ORCID: 0009-0003-0084-6786

⁵Doutora em Promoção de Saúde. Docente no Medicina de Família e Comunidade do Centro Universitário de Patos, Patos-PB, Brasil. E-mail: milenanunes@fiponline.edu.br. ORCID: 0000-0001-8327-9147

Resumo - A violência obstétrica constitui um grave problema de saúde pública e de direitos humanos, caracterizado por práticas e condutas que violam a dignidade, a autonomia e os direitos reprodutivos das mulheres durante o parto. Este estudo teve como objetivo mapear e analisar a produção científica sobre violência obstétrica indexada na *Biblioteca Virtual em Saúde* e na *National Library of Medicine (PubMed)* no período de 2005 a 2025, por meio de uma revisão bibliométrica de abordagem descritiva e quantitativa. Foram incluídos 16 artigos que atenderam aos critérios de elegibilidade, analisando-se indicadores como evolução temporal, distribuição geográfica, autoria, palavras-chave e eixos temáticos. Os resultados evidenciaram crescimento expressivo das publicações a partir de 2018, com destaque para Brasil, Colômbia e Espanha como principais centros de produção científica. A análise das palavras-chave revelou predominância de termos relacionados a parto, saúde, direitos reprodutivos e gênero, indicando a consolidação do tema como campo interdisciplinar. Identificaram-se lacunas na colaboração internacional e na uniformização conceitual, além da necessidade de estudos avaliativos e interseccionais. Conclui-se que a violência obstétrica configura um fenômeno complexo e persistente, cuja superação requer integração entre ciência, ética e políticas públicas para a promoção de uma assistência obstétrica respeitosa e baseada em direitos humanos.

Palavras-Chave: Direitos reprodutivos. Parto humanizado. Saúde da mulher.

Abstract - Obstetric violence is a serious public health and human rights issue, characterized by practices and behaviors that violate women's dignity, autonomy, and reproductive rights during childbirth. This study aimed to map and analyze the scientific production on obstetric violence indexed in the *Biblioteca Virtual em Saúde* and the *National Library of Medicine (PubMed)* from 2005 to 2025, through a descriptive and quantitative bibliometric review. Sixteen articles met the eligibility criteria, and indicators such as temporal evolution, geographic distribution, authorship, keywords, and thematic axes were analyzed. The findings revealed a significant growth of publications from 2018 onward, with Brazil, Colombia, and Spain standing out as the main centers of production. Keyword analysis showed predominance of terms related to childbirth, health, reproductive rights, and gender, indicating the consolidation of the topic as an interdisciplinary field. Gaps were identified regarding international collaboration and conceptual standardization, as well as the need for evaluative and intersectional studies. It is concluded that obstetric violence represents a complex and persistent phenomenon whose mitigation requires integration among science, ethics, and public policies to promote respectful, human rights-based obstetric care.

Keywords: Reproductive rights. Humanized delivery. Women's health.

INTRODUÇÃO

A violência obstétrica tem sido reconhecida como um problema de saúde pública, direitos humanos e qualidade da assistência ao parto, caracterizando-se por práticas clínicas e comportamentos que violam a dignidade, a autonomia e os

direitos reprodutivos das gestantes. Em nível global, a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem destacado a ocorrência de desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde, posicionando esse fenômeno como uma violação dos direitos das mulheres e instando por ações de pesquisa, vigilância e intervenção (Leite *et al.*, 2022).

No debate acadêmico, o termo “violência obstétrica” agrega diferentes formas de abuso, desde agressões físicas e psicológicas até intervenções sem consentimento informado e a institucionalização de práticas não baseadas em evidência, o que tem motivado investigações conceituais e estudos para delimitar atributos, antecedentes e consequências desse conceito. (Ferrão *et al.*, 2022).

A literatura empírica demonstra que a prevalência de relatos de violência ou maus-tratos durante o parto é elevada em diferentes contextos, com variações por região, desenho do estudo e instrumentos de avaliação, e que a violência obstétrica está associada a desfechos adversos para a saúde mental materna, incluindo depressão pós-parto e sintomas de transtorno de estresse pós-traumático, além de impactar práticas como amamentação e a confiança no sistema de saúde (Silva-Fernandez *et al.*, 2023). Por exemplo, Paiz *et al.* (2022) identificaram que mulheres que sofreram algum tipo de violência durante o parto apresentaram prevalência 1,55 vezes maior de sintomas sugestivos de depressão pós-parto, mesmo após ajuste para variáveis sociodemográficas e histórico de saúde mental.

Apesar do crescente interesse acadêmico, persistem lacunas metodológicas e temáticas que dificultam uma compreensão consolidada do fenômeno: a heterogeneidade metodológica, com instrumentos de mensuração variados, a pouca representatividade de determinadas regiões geográficas e idiomas, além da escassez de estudos longitudinais ou intervenções avaliatórias que ofereçam evidências de eficácia de políticas ou práticas para prevenção ou reparo dessa forma de violência obstétrica (Tobiasa-Hege *et al.*, 2019).

A realização de uma análise bibliométrica sobre a violência obstétrica justifica-se pela necessidade de compreender como o campo científico tem evoluído e quais tendências, lacunas e perspectivas emergem dessa produção. A bibliometria permite identificar padrões de crescimento, colaboração e concentração do conhecimento, fornecendo uma visão estruturada sobre o desenvolvimento da pesquisa em uma área (Donthu *et al.*, 2021). No caso da violência obstétrica, tal abordagem é particularmente relevante por se tratar de um tema interdisciplinar que envolve aspectos da saúde pública, direitos humanos, ética e políticas de gênero. Estudos bibliométricos nessa área contribuem para evidenciar a distribuição desigual de pesquisas entre países e regiões, além de revelar como o conceito tem sido abordado em diferentes contextos culturais e institucionais (Aria; Cuccurullo, 2017). Assim, mapear a produção científica sobre o tema é essencial para fortalecer o compromisso com uma assistência obstétrica respeitosa e centrada na mulher.

Diante desse cenário, a presente revisão bibliométrica busca mapear e analisar a produção científica

sobre violência obstétrica indexada na Biblioteca Virtual em Saúde e na *National Library of Medicine* no período de 2005 a 2025, com os objetivos de descrever a evolução temporal e a distribuição geográfica da literatura; identificar os periódicos, autores e redes de colaboração mais ativos; mapear os principais focos temáticos e metodológicos; e apontar lacunas e sugerir direções para futuras pesquisas que possam respaldar políticas públicas e práticas de atenção ao parto mais dignas e baseadas em evidências.

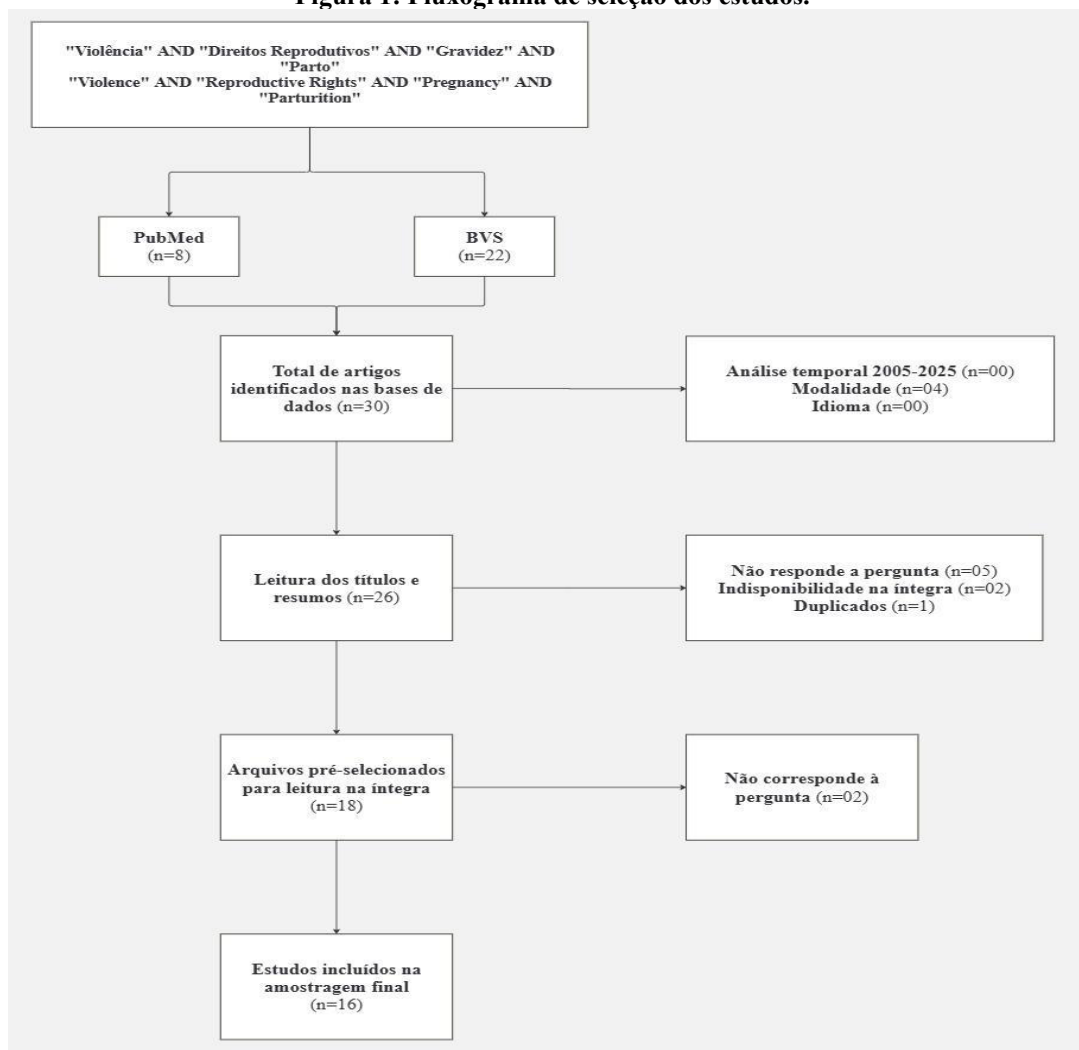
MÉTODO

Trata-se de uma revisão bibliométrica de caráter descritivo e quantitativo, cujo objetivo foi mapear a produção científica relacionada à violência obstétrica sob a perspectiva da ciência, identificando tendências temáticas, redes de colaboração e evolução do campo de pesquisa entre os anos de 2005 e outubro de 2025. Esse tipo de estudo busca analisar o comportamento da literatura científica e compreender como determinado tema tem se desenvolvido ao longo do tempo, fornecendo subsídios para novas investigações (de Sousa; Almeida; Bezerra, 2024; Donthu *et al.*, 2021).

A coleta dos dados foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na *National Library of Medicine* (PubMed), por serem bases de dados amplamente reconhecidas, integrando diversas fontes científicas de relevância para as ciências da saúde. Para a busca, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “Violência” AND “Direitos reprodutivos” AND Gravidez AND Parto para a BVS, já para a PubMed foram utilizados os DeCS em inglês *Violence AND "Reproductive Rights" AND Pregnancy AND Parturition*. O recorte temporal compreendeu o período de 2005 a outubro de 2025, contemplando publicações que se encontravam disponíveis na íntegra até o momento da coleta. Para a compilação dos estudos foram identificados inicialmente 30 artigos, a partir dos critérios de exclusão foram retirados 13 estudos e 16 documentos foram selecionados conforme identificado na figura 1.

Foram incluídos na análise todos os artigos científicos completos que abordavam direta ou indiretamente a temática da violência obstétrica, redigidos nos idiomas português, inglês ou espanhol, com acesso ao texto integral e entre os anos de 2005 a outubro de 2025. Foram excluídos os documentos pertencentes à literatura cinzenta, tais como teses, dissertações e relatórios técnicos não publicados, bem como artigos duplicados, resumos sem texto completo e produções que, após leitura integral, não se relacionavam de forma substancial ao tema proposto.

Figura 1: Fluxograma de seleção dos estudos.



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

O processo de seleção dos estudos foi conduzido em quatro etapas, seguindo a adaptação das diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (Page *et al.*, 2021). A primeira etapa, denominada identificação, consistiu na aplicação dos descritores na BVS e na PubMed e no registro do número total de artigos recuperados. Na fase de triagem, foram removidas as duplicatas e procedeu-se à leitura dos títulos e resumos para verificar a adequação temática. Em seguida, na fase de elegibilidade, realizou-se a leitura completa dos textos selecionados, a fim de confirmar o atendimento aos critérios de inclusão e exclusão. Por fim, na etapa de inclusão, definiram-se os estudos que compuseram a amostra final da análise bibliométrica. Todas essas etapas foram representadas em um fluxograma metodológico baseado no modelo PRISMA adaptado, o que assegura transparência e rastreabilidade ao processo de seleção, conforme recomendado por Page *et al.* (2021).

Os dados extraídos dos artigos incluídos foram organizados em uma planilha eletrônica organizada pelo *Google Docs*, contendo informações sobre título, autores, ano de publicação, idioma, periódico, país de afiliação dos autores, palavras-chave e número de citações. Essa

organização permitiu sistematizar as informações de forma padronizada e facilitar a etapa subsequente de análise bibliométrica.

Para aprimorar a visualização e a compreensão dos resultados, foram empregadas ferramentas digitais de apoio gráfico amplamente utilizadas na comunicação científica. O Canva foi utilizado para a construção da nuvem de palavras, permitindo identificar visualmente a frequência dos principais descritores presentes nas publicações. A utilização de recursos visuais na apresentação de dados textuais contribui para o reconhecimento de padrões semânticos e para a interpretação intuitiva das informações (Heimerl *et al.*, 2014).

De forma complementar, o Visme foi empregado na elaboração do mapa geográfico que representa a distribuição dos países de origem dos estudos analisados. A visualização geoespacial dos resultados facilita a análise comparativa entre regiões e evidencia desigualdades na produção científica, sendo reconhecida como uma estratégia eficaz para ampliar a compreensão de fenômenos bibliométricos (Chen, 2017; Friendly, 2008).

O uso combinado dessas ferramentas visuais não apenas favoreceu a comunicação dos achados, mas também

reforçou a transparência e a reprodutibilidade das análises, aspectos fundamentais em estudos bibliométricos e de ciência aberta (Munzner, 2025).

Foram analisados indicadores bibliométricos clássicos, incluindo número anual de publicações, países de origem dos autores, redes de colaboração científica, palavras-chave mais recorrentes e evolução temática ao longo do período estudado. Essa abordagem quantitativa foi complementada por uma análise interpretativa dos principais eixos temáticos identificados nas produções, de modo a compreender as tendências de pesquisa e os avanços científicos sobre violência obstétrica no cenário internacional e latino-americano.

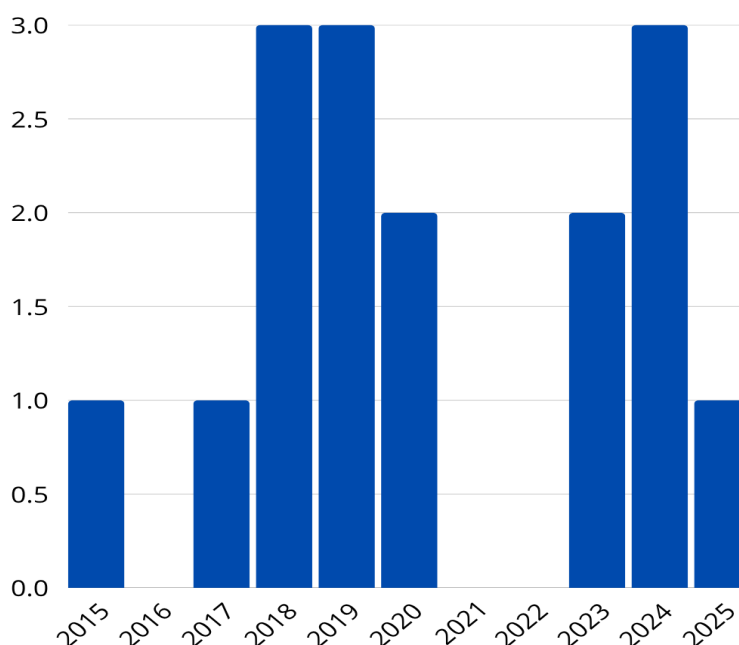
O rigor metodológico adotado buscou garantir reprodutibilidade, transparência e coerência com as recomendações internacionais para revisões bibliométricas. A utilização de múltiplos *softwares* de análise, como “Canva” e “Visme”, a padronização dos descritores e o registro detalhado das etapas de seleção conferem robustez

e credibilidade ao processo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da evolução temporal das publicações sobre violência obstétrica entre 2005 e 2025 evidencia um crescimento progressivo e não linear do interesse científico pelo tema, como visto na figura 2. Observou-se que os anos de maior produção foram 2018, 2019 e 2024, com 3 produções cada, o que representa um percentual de 18,25% ($n=3$) dos artigos produzidos, coincidindo com um movimento global de ampliação das discussões sobre direitos reprodutivos e humanização do parto. Esse aumento reflete tanto a maior visibilidade social do tema quanto o fortalecimento de políticas públicas e mobilizações feministas que passaram a denunciar práticas de desrespeito e abuso institucional durante o parto (Bohren *et al.*, 2019; Sadler *et al.*, 2016).

Figura 2: Gráfico de quantidade de artigos por ano.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

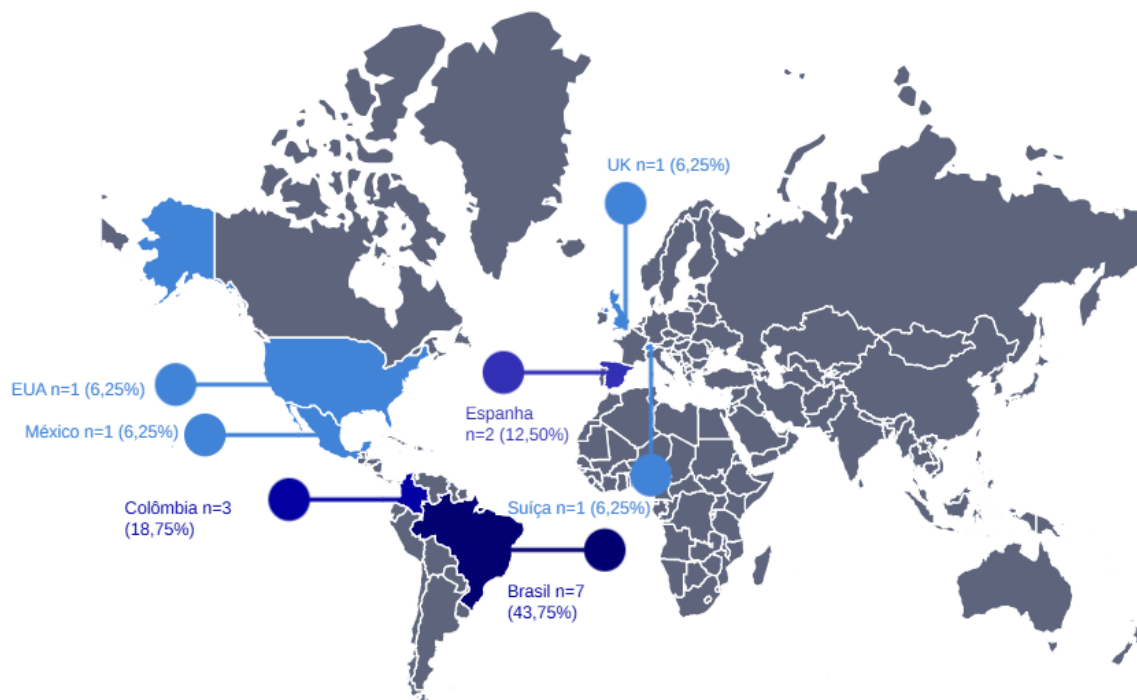
Nos anos anteriores a 2015, a produção foi escassa. A partir de 2018, observa-se uma inflexão com o surgimento de análises empíricas e de caráter interseccional, sobretudo no contexto latino-americano. Esse padrão acompanha o comportamento descrito por Chen (2017), que demonstra que os campos científicos evoluem em ciclos de expansão e consolidação, nos quais o aumento de publicações e colaborações reflete o amadurecimento teórico e metodológico da área. Assim, a violência obstétrica passou a configurar, nos últimos anos, um campo interdisciplinar consolidado, que articula dimensões da saúde pública, bioética, direito e ciências sociais.

Esse aumento também coincide com a incorporação do conceito de “respeito e cuidados humanizados durante o parto” nas recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018), o que pode ter estimulado a publicação

de estudos voltados à mensuração de maus-tratos e intervenções obstétricas desnecessárias. Assim, o crescimento observado nos últimos anos reflete uma mudança de paradigma, em que o parto passa a ser analisado não apenas como evento biológico, mas como experiência social e de direitos humanos.

O mapeamento geográfico das publicações (Figura 3) demonstra que a produção científica é concentrada em poucos países, com destaque para o Brasil, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, Reino Unido e Suíça. Essa distribuição revela a centralidade latino-americana e europeia nas pesquisas sobre violência obstétrica, reforçando o papel da América Latina como território de debate crítico sobre o tema.

Figura 3: Mapeamento de produções por países.



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

O Brasil aparece como o país com maior número de publicações, o que pode ser explicado pela consolidação de grupos de pesquisa em saúde coletiva e gênero, e pela crescente institucionalização de políticas de humanização do parto e nascimento (Leal, 2018). Essa liderança reflete um movimento histórico de resistência de mulheres e profissionais de saúde brasileiros que denunciaram práticas de medicalização excessiva, episiotomias de rotina, cesarianas desnecessárias e violências verbais (Venturi; Godinho, 2013).

Na Espanha e na Colômbia, observa-se o predomínio de estudos qualitativos centrados na experiência das mulheres e na análise das políticas de saúde reprodutiva (Corzo-Contreras *et al.*, 2024; Olza *et al.*, 2024). Já nos Estados Unidos e no Reino Unido, os estudos assumem enfoque jurídico e bioético, com destaque para discussões sobre consentimento informado e autonomia corporal (Pickles, 2025). A presença da Suíça, embora pontual, pode estar relacionada a estudos de organismos internacionais voltados à defesa dos direitos humanos (Zampas *et al.*, 2020).

Essa configuração sugere que, embora a violência obstétrica seja um fenômeno global, sua visibilidade científica é regionalmente desigual, refletindo diferenças socioculturais e institucionais no modo como o parto é conduzido. Conforme argumenta Freedman *et al.* (2014), o reconhecimento da violência obstétrica como violação de direitos humanos depende da articulação entre ativismo social, políticas públicas e evidência científica, fatores mais desenvolvidos em contextos de maior mobilização feminista e engajamento acadêmico.

A análise do Quadro 1 evidencia que a maior parte das publicações sobre violência obstétrica foi redigida em português e inglês, ambas com uma porcentagem de 31,25%

nas publicações (n=5), seguida pelo espanhol com 23,5% (n=4). Essa predominância de idiomas latinos demonstra o papel central da América Latina na consolidação conceitual do termo “violência obstétrica”, que ainda não possui tradução padronizada no contexto anglófono. Em países de língua inglesa, o fenômeno é frequentemente descrito como *mistreatment during childbirth* ou *disrespect and abuse in maternity care* (Bohren *et al.*, 2015). A prevalência de estudos em português e espanhol reflete, portanto, o protagonismo de países latino-americanos, como Brasil, Colômbia e México, no desenvolvimento teórico e empírico da temática. No entanto, o predomínio de publicações em idiomas regionais pode limitar a visibilidade internacional, uma vez que o inglês continua sendo a principal língua de difusão científica (Sivertsen, 2016).

A concentração de publicações em periódicos de enfermagem, saúde pública e direitos humanos, como a *Revista de Enfermagem UFPE on line*, *Ciência & Saúde Coletiva* e *Health and Human Rights Journal*, reflete o caráter interdisciplinar e socialmente engajado do tema. Segundo Larivière, Haustein e Mongeon (2015), a diversidade de periódicos é um indicativo de vitalidade científica, pois demonstra a capacidade de um campo emergente em dialogar com diferentes áreas do conhecimento. De acordo com Pickles (2025), compreender a violência obstétrica requer integrar perspectivas do direito, da bioética e da saúde pública, o que justifica a pluralidade de espaços editoriais em que o tema é abordado.

No que se refere às citações, observou-se variação significativa, com índices que vão de 0 a 139 citações. As citações constituem um dos principais indicadores de impacto e influência científica, pois refletem o reconhecimento de uma publicação pela comunidade acadêmica e sua contribuição para o avanço do

conhecimento. De acordo com Bornmann e Daniel (2008), as citações funcionam como uma medida indireta da qualidade e relevância de um trabalho, indicando o grau em que seus resultados e conceitos foram incorporados por outros estudos.

Destaque para aqueles publicados em periódicos internacionais e em língua inglesa, como *Duke Law Journal* (Borges, 2017) e *Health and Human Rights Journal* (Zampas *et al.*, 2020), que apresentaram os maiores índices de impacto. Estudos de meta-pesquisa indicam que o idioma e o fator de impacto do periódico estão fortemente associados ao alcance e à repercussão das publicações (Ioannidis *et al.*, 2018). Em contrapartida, os estudos

publicados em revistas regionais, ainda que de grande relevância para o contexto local, obtiveram menor visibilidade em bases internacionais, fenômeno amplamente discutido na literatura sobre desigualdades na comunicação científica (Tennant *et al.*, 2016).

Esse panorama revela que o campo da violência obstétrica, embora consolidado em nível regional, ainda enfrenta barreiras de internacionalização e visibilidade. O fortalecimento de redes colaborativas intercontinentais, a ampliação do acesso aberto e a publicação bilíngue são estratégias recomendadas para superar tais assimetrias e promover a difusão global do conhecimento produzido sobre o tema (Ioannidis *et al.*, 2018).

Quadro 1: Caracterização geral dos artigos selecionados.

Autores (Ano)	Título	Idioma	Periódico	Número de Citações
Borges (2018)	A violent birth: reframing coerced procedures during childbirth as obstetric violence.	Inglês	Duke Law Journal	139
Corzo-Contreras <i>et al.</i> (2024)	Violencia obstétrica desde la percepción y vivencias de mujeres en labor de parto, Valledupar, Colombia	Espanhol	Revista de Salud Pública.	5
Flores <i>et al.</i> (2018)	Construcción social de la violencia obstétrica en mujeres Tének y Náhuatl de México	Espanhol	Revista da Escola de Enfermagem da USP	37
Lima, Pimentel e Lyra (2019)	Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras	Português	Ciência & e saúde coletiva	66
Mira-Catalá, Hernandez-Aguado e Chilet-Rosell (2024)	Respectful maternity care interventions to address women mistreatment in childbirth: What has been done?	Inglês	BMC Pregnancy and Childbirth	20
Olza, Quintela e García-Martínez (2024)	The Use of Haloperidol as a Sedative During Childbirth: An Extreme Form of Obstetric Violence in Spain	Inglês	International Journal of Environmental Research and Public Health	0
Pickles, 2025.	Emerging human rights standards on obstetric violence and abuse during childbirth	Inglês	International Journal of Gynecology & Obstetrics	0
Rebouças <i>et al.</i> (2023)	Assistência à saúde materna na perspectiva de usuárias e profissionais da Atenção Primária: cotidiano e violência.	Português	Revista de Saúde Coletiva	2
Rodrigues <i>et al.</i> (2015)	A violência obstétrica como prática no cuidado na saúde da mulher no processo parturitivo: análise reflexiva.	Português	Revista de enfermagem UFPE on line.	13
Rodrigues <i>et al.</i> 2018	A violência obstétrica no contexto do parto e nascimento.	Português	Revista de enfermagem UFPE on line	63
Sá <i>et al.</i> (2017)	O direito ao acesso e acompanhamento ao parto e nascimento: a ótica das mulheres.	Português	Revista de enfermagem UFPE on line.	20
Sala <i>et al.</i> (2020)	“La enfermedad normal” Aspectos históricos y políticos de la medicalización del parto	Espanhol	Revista Latino Americana	43
Sala, (2019)	“Es rico hacerlos, pero no tenerlos”: análisis de la violencia obstétrica durante la atención del parto en Colombia”	Espanhol	Revista ciencias de la salud	71
Santana <i>et al.</i> (2023)	Racismo obstétrico, um debate em construção no Brasil: percepções de mulheres negras sobre a violência obstétrica	Português	Ciência & e saúde coletiva	14
Silva <i>et al.</i> (2019)	O saber de puérperas sobre violência obstétrica.	Português	Revista de enfermagem UFPE on line.	27
Zampas <i>et al.</i> (2020)	Operationalizing a Human Rights-Based Approach to Address Mistreatment against Women during Childbirth	Inglês	Health and Human Rights Journal	74

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

A análise dos autores revelou uma produção fragmentada, com a maioria dos pesquisadores apresentando apenas um artigo sobre o tema. Esse padrão é característico de campos emergentes, em que o conhecimento ainda está em consolidação e depende de esforços individuais e regionais (Donthu *et al.*, 2021).

Entre os autores mais recorrentes, destaca-se Valdecyr Herdy Alves, com três publicações, seguido por Viviana Vallana Sala e Diego Pereira Rodrigues, cada um com dois artigos (Quadro 2). A presença de autores brasileiros e latino-americanos de destaque reforça a importância da região na formulação do conceito e na

disseminação do debate sobre violência obstétrica.

O predomínio de autoria única ou de pequenos grupos indica baixa densidade colaborativa internacional, o que pode limitar a amplitude teórica e metodológica das pesquisas. Essa observação está em consonância com as conclusões de Aria e Cuccurullo (2017), que destacam a necessidade de ampliar redes de coautoria e fortalecer colaborações interinstitucionais para o amadurecimento dos

campos científicos.

A ausência de redes robustas de colaboração pode ser interpretada como reflexo das barreiras linguísticas e das especificidades locais do fenômeno, uma vez que o termo “violência obstétrica” nem sempre é reconhecido de forma uniforme em contextos anglófonos, que preferem expressões como *mistreatment during childbirth* (Bohren *et al.*, 2015).

Quadro 2: Número de publicações por autores.

Variáveis	Número de artigos		
	1	2	3
Autores	Aiara Nascimento Amaral Bomfim Alexia Guadalupe Martínez Ledezma Alisha Bjerregaard Angela Mitrano Perazzini de Sá Araceli García-Martínez Ariane Teixeira de Santana Avni Amin Belkis V. Cuesta-Morato Bianca Dargam Gomes Vieira Camila Pimentel Camilla Pickles Christina Zampas Claudia Elena González Acevedo Diva Cristina Morett Romano Leão Elisa Chilet-Rosell Erika Barbara Abreu Fonseca Thomaz Esther P. Polo-Payares Fabiana da Conceição Silva Fernanda Cláudia Miranda de Amorim Giovanna Rosario Soanno Marchiori Hedieh Mehrtash Ibone Olza Ildefonso Hernández-Aguado Joyce Veceli Barros Sobreira Juscélia Maria de Moura Feitosa Veras Kelly Diogo de Lima Keury Thaisana Rodrigues dos Santos Lima Leonardo Lopes de Sousa Lilian Conceição Guimarães Almeida Lúcia Cristina Santos Rusmando Lucinda O’hanlon Luis Eduardo Hernández Ibarra Luz A. Hurtado-Luján Magda Rogéria Pereira Viana Margareth Corzo-Contreras María C. Murgas-Quintero Maria T.R.Borges Mariana Machado Pimentel Oscar Quintela Özge Tunçalp Pablo Mira-Catalá Paolla Amorim Malheiros Dulfe Patricia Santos de Oliveira Rafael de Castro Santos Raissa Rabelo Marques Rebouças Rajat Khosla Raquel Santana Vieira Rosangela de Mattos Ruth Helena de Souza Britto Ferreira de Carvalho Telmara Menezes Couto Tereza Maciel Lyra Yesica Yolanda Range Flores Zeni Carvalho Lamy	Diego Pereira Rodrigues Enimar de Paula Maria Bertilla Lutterbach Riker Branco Viviana Valeria Vallana Sala	Valdecyr Herdy Alves
Total	52	4	1

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

transversalidade da violência obstétrica nas discussões sobre saúde e cidadania.

O predomínio de termos como “direitos reprodutivos” e “saúde” reflete a ampliação do enquadramento político do debate, em que a violência obstétrica deixa de ser compreendida apenas como falha assistencial e passa a ser analisada como violação de direitos humanos e expressão de desigualdades estruturais (Castro; Savage, 2019; Sadler *et al.*, 2020).

A presença significativa do termo “parto/nascimento” também indica o reconhecimento do parto como evento simbólico, social e político, no qual se reproduzem dinâmicas de poder entre profissionais e gestantes. Segundo Diniz *et al.* (2018), essa assimetria é um dos pilares que sustentam a persistência da violência obstétrica, frequentemente naturalizada em práticas médicas autoritárias e institucionalizadas.

A análise semântica das palavras-chave sugere, portanto, uma evolução teórica do campo, com

deslocamento do foco biomédico para uma abordagem intersetorial, crítica e decolonial, que busca compreender o parto como espaço de cidadania e autonomia.

A análise temática das publicações no Quadro 3 revela cinco grandes eixos de pesquisa: (1) experiências e percepções de mulheres durante o parto; (2) dimensões jurídicas e bioéticas da violência obstétrica; (3) práticas institucionais e formação profissional; (4) desigualdades raciais e interseccionalidade; e (5) estratégias de humanização e políticas públicas.

Categorias	n	%
Experiências e percepções de mulheres durante o parto	7	43,8
Dimensões jurídicas e bioéticas da violência obstétrica	1	6,2
Práticas institucionais e formação profissional	5	31,2
Desigualdades raciais e interseccionalidade	2	12,3
Estratégias de humanização e políticas públicas	2	12,3

Os estudos centrados na experiência das mulheres foram majoritariamente qualitativos, destacando

sentimentos de medo, humilhação e impotência diante de práticas coercitivas. Esses achados convergem com revisões

anteriores (Bohren *et al.*, 2015), que identificam o desrespeito institucional como fator determinante para a perda de confiança no sistema de saúde.

No eixo das dimensões jurídicas e bioéticas, observam-se discussões emergentes sobre consentimento informado, autonomia e responsabilização institucional. Segundo Pickles (2025), enquadrar a violência obstétrica como violação de direitos humanos fortalece as bases legais para sua denúncia e combate, ao mesmo tempo em que desafia os sistemas de saúde a repensarem práticas tradicionais e hierárquicas.

As pesquisas sobre formação e práticas profissionais revelam que muitos casos de violência obstétrica derivam de lacunas na formação ética e comunicacional dos profissionais (Rebouças *et al.*, 2023). A inclusão de conteúdos sobre parto respeitoso e direitos das mulheres nos currículos de enfermagem e medicina tem sido apontada como medida essencial para a prevenção dessas condutas (Tesser *et al.*, 2011).

No que se refere às desigualdades raciais, estudos brasileiros e colombianos destacam a existência do chamado racismo obstétrico, fenômeno que intensifica a vulnerabilidade de mulheres negras e indígenas no contexto do parto (Santana *et al.*, 2023). Essa abordagem interseccional reforça a necessidade de políticas públicas que contemplem a diversidade étnica e cultural das gestantes.

Ainda, as pesquisas sobre políticas públicas e humanização evidenciam avanços importantes, como a consolidação de diretrizes nacionais para o parto humanizado e o incentivo à presença de acompanhantes, mas apontam desafios persistentes na implementação efetiva dessas medidas (Leal, 2018).

Os resultados da presente bibliometria confirmam que a violência obstétrica é um fenômeno multidimensional, persistente e estrutural, cuja superação exige uma abordagem integrada entre ciência, ética e política. O enfrentamento dessa forma de violência demanda estratégias intersetoriais que combinem produção científica qualificada, mobilização social e mudanças institucionais nas práticas de atenção obstétrica. Conforme destacam Sadler *et al.* (2016), o combate à violência obstétrica deve ultrapassar a esfera individual e abordar as dimensões estruturais que perpetuam desigualdades de gênero e poder no contexto do parto.

Além disso, segundo Shuman *et al.* (2023), a consolidação de políticas públicas orientadas por evidências e direitos humanos é essencial para fortalecer o cuidado respeitoso à maternidade e transformar os modelos de assistência vigentes. Nesse mesmo sentido, Abualrub *et al.* (2023) reforçam que a efetivação de uma assistência obstétrica centrada na mulher requer mudanças institucionais profundas, formação profissional sensível à equidade e comprometimento ético com o respeito, a dignidade e os direitos humanos das mulheres.

CONCLUSÃO

A presente revisão bibliométrica evidenciou que a produção científica sobre violência obstétrica tem apresentado crescimento significativo nos últimos anos, acompanhando o fortalecimento do debate sobre direitos

reprodutivos e humanização do parto. Observou-se que a temática passou a ser abordada de forma mais ampla e interdisciplinar, contemplando não apenas aspectos clínicos, mas também dimensões éticas, sociais e políticas. Esse avanço demonstra o reconhecimento da violência obstétrica como uma violação dos direitos humanos e da dignidade das mulheres, impulsionando discussões sobre a necessidade de práticas obstétricas mais seguras, empáticas e baseadas em evidências.

A análise da distribuição geográfica mostrou a centralidade da América Latina, com destaque para o Brasil, na produção científica sobre o tema. O protagonismo brasileiro reflete o engajamento de instituições de ensino, pesquisadores e movimentos sociais na denúncia de práticas abusivas e na promoção de políticas públicas voltadas à humanização do parto e nascimento. Ainda assim, observou-se concentração regional das pesquisas e limitada colaboração internacional, o que evidencia a importância de fortalecer redes de pesquisa e ampliar o diálogo global sobre a temática, promovendo o intercâmbio de experiências e estratégias efetivas de enfrentamento.

De modo geral, os resultados apontam que a superação da violência obstétrica requer a integração entre ciência, ética e políticas públicas. A qualificação dos profissionais de saúde, por meio da inclusão de conteúdos sobre comunicação, empatia e direitos reprodutivos na formação acadêmica, surge como medida essencial para transformar o modelo assistencial vigente. Assim, reafirma-se a necessidade de um cuidado obstétrico centrado na mulher, que valorize sua autonomia e respeite suas escolhas, consolidando um paradigma de assistência baseado na dignidade, no respeito e na humanização do parto.

REFERÊNCIAS

- ABUALRUB, Salwa *et al.* The Present Status of Respectful Maternity Care during Labor and Childbirth in Jordan: A Cross-sectional Study. **The Open Nursing Journal**, v. 17, n. 1, 2023.
- ARIA, Massimo; CUCCURULLO, Corrado. bibliometrix: An R-tool for comprehensive science mapping analysis. **Journal of informetrics**, v. 11, n. 4, p. 959-975, 2017.
- BOHREN, Meghan A. *et al.* How women are treated during facility-based childbirth in four countries: a cross-sectional study with labour observations and community-based surveys. **The Lancet**, v. 394, n. 10210, p. 1750-1763, 2019.
- BOHREN, Meghan A. *et al.* The mistreatment of women during childbirth in health facilities globally: a mixed-methods systematic review. **PLoS medicine**, v. 12, n. 6, p. e1001847, 2015.
- BORGES, Maria TR. A violent birth: reframing coerced procedures during childbirth as obstetric violence. **Duke LJ**, v. 67, p. 827, 2017.
- BORNMANN, Lutz; DANIEL, Hans-Dieter. What do citation counts measure? A review of studies on citing

- behavior. **Journal of documentation**, v. 64, n. 1, p. 45-80, 2008.
- CASTRO, Arachu; SAVAGE, Virginia. Obstetric violence as reproductive governance in the Dominican Republic. **Medical anthropology**, v. 38, n. 2, p. 123-136, 2019.
- CHEN, Chaomei. Science mapping: a systematic review of the literature. **Journal of data and information science**, v. 2, n. 2, 2017.
- CORZO-CONTRERAS, Margareth *et al.* Violencia obstétrica desde la percepción y vivencias de mujeres en labor de parto, Valledupar, Colombia. **Revista de Salud Pública**, v. 26, n. 6, 2024.
- DE SOUSA, Milena Nunes Alves; ALMEIDA, Elzenir Pereira de Oliveira; BEZERRA, André Luiz Dantas. Bibliometrics: what is it? What is it used for? And how to do it?. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 2, p. e3042-e3042, 2024.
- DINIZ, Grilo; Carmen Simone *et al.* Disrespect and abuse in childbirth in Brazil: social activism, public policies and providers' training. **Reproductive health matters**, v. 26, n. 53, p. 19-35, 2018.
- DONTHU, Naveen *et al.* How to conduct a bibliometric analysis: An overview and guidelines. **Journal of business research**, v. 133, p. 285-296, 2021.
- FERRÃO, Ana Cristina *et al.* Analysis of the concept of obstetric violence: scoping review protocol. **Journal of personalized medicine**, v. 12, n. 7, p. 1090, 2022.
- FLORES, Yesica Yolanda Range *et al.* Construcción social de la violencia obstétrica en mujeres Tének y Náhuatl de México. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 53, p. e03464, 2019.
- FREEDMAN, Lynn P. *et al.* Defining disrespect and abuse of women in childbirth: a research, policy and rights agenda. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 92, p. 915-917, 2014.
- FRIENDLY, Michael. A Brief History of Data Visualization. **Handbook of Computational Statistics**, Springer, p. 3-45, 2008.
- HEIMERL, Florian *et al.* Word Cloud Explorer: Text Analytics Based on Word Clouds. **IEEE Transactions on Visualization and Computer Graphics**, v. 24, n. 1, p. 1833-1842, 2014.
- IOANNIDIS, John PA. Meta-research: Why research on research matters. **PLoS biology**, v. 16, n. 3, p. e2005468, 2018.
- LARIVIÈRE, Vincent; HAUSTEIN, Stefanie; MONGEON, Philippe. The oligopoly of academic publishers in the digital era. **PloS one**, v. 10, n. 6, p. e0127502, 2015.
- LEAL, Maria do Carmo. Parto e nascimento no Brasil: um cenário em processo de mudança. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, p. e00063818, 2018.
- LEITE, Tatiana Henriques *et al.* Desrespeitos e abusos, maus tratos e violência obstétrica: um desafio para a epidemiologia e a saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 483-491, 2022.
- LIMA, Kelly Diogo de; PIMENTEL, Camila; LYRA, Tereza Maciel. Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 4909-4918, 2021.
- MIRA-CATALA, Pablo; HERNANDEZ-AGUADO, Ildefonso; CHILET-ROSELL, Elisa. Respectful maternity care interventions to address women mistreatment in childbirth: what has been done?. **BMC pregnancy and childbirth**, v. 24, n. 1, p. 322, 2024.
- MOHER, David *et al.* Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. **Bmj**, v. 339, 2009.
- MUNZNER, Tamara. Visualization Analysis and Design. **Boca Raton**: CRC Press, 2025.
- OLZA, Ibone; QUINTELA, Oscar; GARCÍA-MARTÍNEZ, Araceli. The Use of Haloperidol as a Sedative During Childbirth: An Extreme Form of Obstetric Violence in Spain. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 22, n. 1, p. 3, 2024.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **WHO recommendations**: intrapartum care for a positive childbirth experience. Geneva: World Health Organization, 2018.
- PAGE, Matthew J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **Bmj**, v. 372, 2021.
- PAIZ, Janini Cristina *et al.* Association between mistreatment of women during childbirth and symptoms suggestive of postpartum depression. **BMC pregnancy and childbirth**, v. 22, n. 1, p. 664, 2022.
- PICKLES, Camilla. Emerging human rights standards on obstetric violence and abuse during childbirth. **International Journal of Gynecology & Obstetrics**, v. 170, n. 1, p. 508-514, 2025.
- REBOUÇAS, Raissa Rabelo Marques *et al.* Assistência à saúde materna na perspectiva de usuárias e profissionais da Atenção Primária: cotidiano e violência. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 34, p. e34001, 2024.
- RODRIGUES, Diego Pereira *et al.* A violência obstétrica

como prática no cuidado na saúde da mulher no processo parturitivo: análise reflexiva. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 8461-8467, 2015.

RODRIGUES, Diego Pereira *et al.* A violência obstétrica no contexto do parto e nascimento. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 236-246, 2018.

SÁ, Angela Mitrano Perazzini de *et al.* O direito ao acesso e acompanhamento ao parto e nascimento: a ótica das mulheres. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 2683-2690, 2017.

SADLER, Michelle *et al.* Moving beyond disrespect and abuse: addressing the structural dimensions of obstetric violence. **Reproductive health matters**, v. 24, n. 47, p. 47-55, 2016.

SALA, Viviana Valeria Vallana. "Es rico hacerlos, pero no tenerlos": análisis de la violencia obstétrica durante la atención del parto en Colombia. **Revista ciencias de la salud**, v. 17, n. SPE, p. 128-144, 2019.

SALA, Viviana Valeria Vallana. "La enfermedad normal": Aspectos históricos y políticos de la medicalización del parto. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), p. 90-107, 2020.

SANTANA, Ariane Teixeira de *et al.* Racismo obstétrico, um debate em construção no Brasil: percepções de mulheres negras sobre a violência obstétrica. **Ciência & saúde coletiva**, v. 29, p. e09952023, 2024.

SHUMAN, Hannah L. *et al.* Approaches and geographical locations of respectful maternity care research: A scoping review. **PLoS One**, v. 18, n. 8, p. e0290434, 2023.

SILVA, Fabiana da Conceição *et al.* O saber de puérperas sobre violência obstétrica. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. [1-6], 2019.

SILVA-FERNANDEZ, Claudia Susana *et al.* Factors associated with obstetric violence implicated in the development of postpartum depression and post-traumatic stress disorder: a systematic review. **Nursing reports**, v. 13, n. 4, p. 1553-1576, 2023.

SIVERTSEN, Gunnar. Patterns of internationalization and criteria for research assessment in the social sciences and humanities. **Scientometrics**, v. 107, n. 2, p. 357-368, 2016.

TENNANT, Jonathan P. *et al.* The academic, economic and societal impacts of Open Access: an evidence-based review. **F1000Research**, v. 5, p. 632, 2016.

TESSER, Charles Dalcanale *et al.* Os médicos e o excesso de cesárias no Brasil. **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, v. 2, n. 1, p. 4-12, 2011.

TOBASIA-HEGE, Constanza *et al.* Disrespect and abuse during childbirth and abortion in Latin America: systematic review and meta-analysis. **Pan American journal of public health**, v. 43, p. e36-e36, 2019.

TOMASZEWSKI, Robert. Visibility, impact, and applications of bibliometric software tools through citation analysis. **Scientometrics**, v. 128, n. 7, p. 4007-4028, 2023.

VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau. Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública. In: **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. 2013. p. 504-504.

ZAMPAS, Christina *et al.* Operationalizing a human rights-based approach to address mistreatment against women during childbirth. **Health and human rights**, v. 22, n. 1, p. 251, 2020.